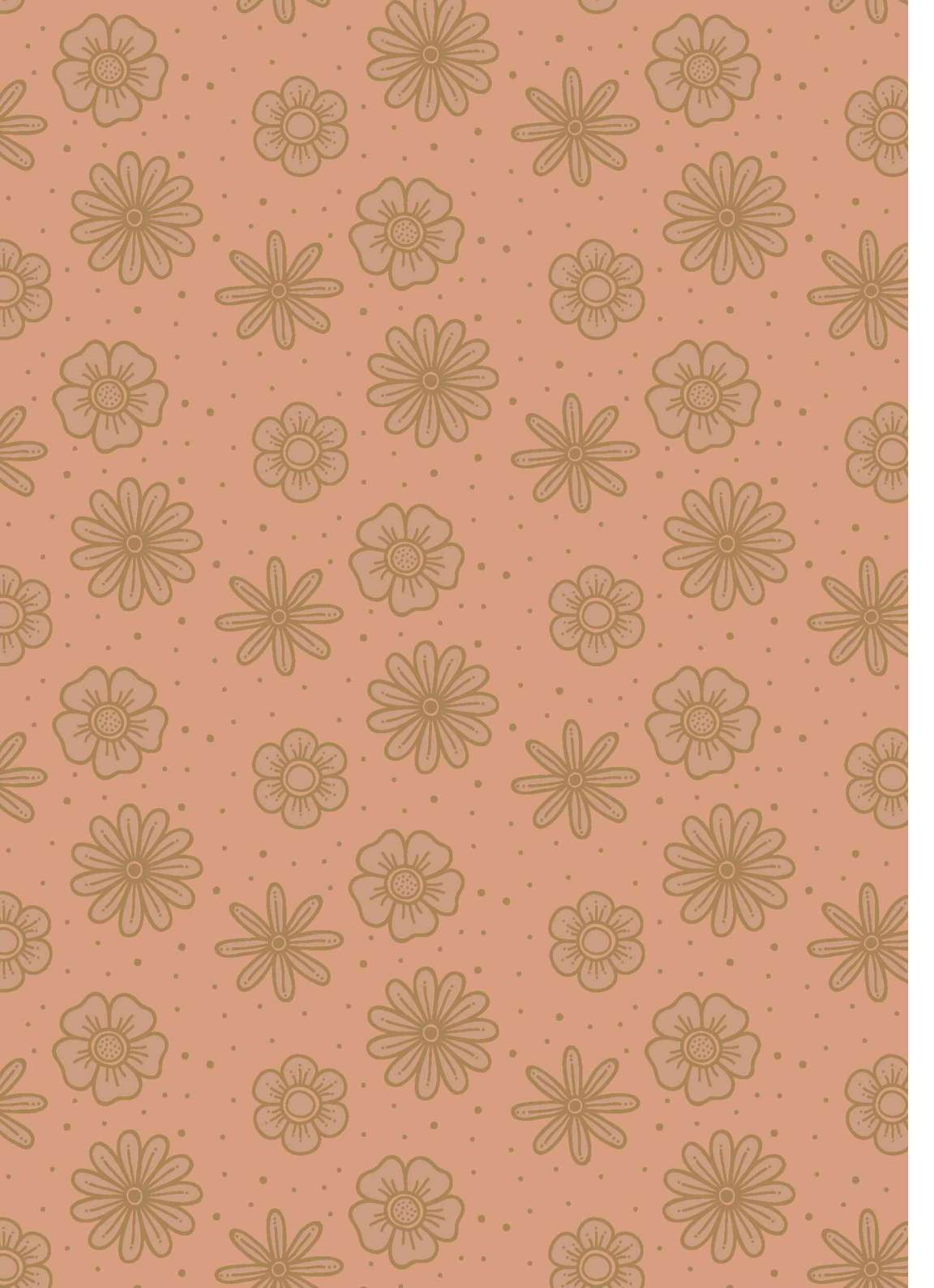


# Pé pra lá, pé pra cá! Vamos colher sempre vivas?

Jovita Maria Gomes Corrêa  
Marina Alves Amorim  
Mariana Sousa Lopes





# Pé pra lá, pé pra cá! Vamos colher sempre vivas?

Jovita Maria Gomes Corrêa

Marina Alves Amorim

Mariana Sousa Lopes

Belo Horizonte

Fundação João Pinheiro | 2017



## **NOTA DE ABERTURA**

Quando alguém nos conta sua história, temos a oportunidade de conhecer outras realidades, sair do nosso mundo e aprender coisas novas! Ser criança é também isso: ouvir histórias e, logo, mergulhar num mundo novo, imaginar as cenas, soltar perguntas!

Os livretos que acompanham o livro *Mulheres do Campo de Minas Gerais: trajetórias de vida, de luta e de trabalho com a terra*, como as sementes de uma flor dente-de-leão, foram feitos para voar e alcançar crianças em todos os lugares, os pensados e os não pensados... Se este livreto chegou até suas mãos é porque você quer alcançar outros mundos, saber mais, entender coisas que ainda não entende...

Convidamos você a virar a página, desfrutar a leitura, usar a imaginação, perguntar o que precisar, para que possa terminar essa viagem de exploração com mais conhecimentos.

***Ana Paula Salej Gomes***

Diretora do Centro de Estudos em Políticas Públicas

Fundação João Pinheiro

*A colheita da sempre-viva começa em janeiro. O povo gosta de falar assim: "É a campina do mês de janeiro." E ela vai até o mês de maio. São cinco meses de colheita.*

As famílias da Mata dos Crioulos iam todas para a Chapada catar a campina. Mas cada um ia com a sua família. Algumas vezes, uma família combinava com outra de ir junto, de lá, ficar perto uma da outra. Ainda assim, cada uma levava o seu mantimento.

Durante a colheita, a gente ficava na lapa. A nossa lapa é a mesma coisa da nossa casa. É a nossa casa, na Chapada. A gente ficava morando nesse lugar, os cinco meses da campina. Vinha em casa, de vez em quando. Quando acabava a colheita das flores, é que a gente voltava para a Mata. Hoje, com o Parque, é diferente. Quando está na época da colheita da flor, o povo da Mata dos Crioulos sai para a Chapada para apanhar a campina, mais ou menos seis ou sete horas da manhã. A gente vai lá, apanha um pouco e costuma voltar para dormir aqui. Mas a gente sente falta de como era antigamente.

Os homens iam antes e olhavam como estava a lapa, limpavam mais ou menos, arrumavam o que fosse preciso. Eles punham uns paus, uns plásticos, fechando melhor; verificavam as fornalhas de barro e de pedra. Os homens faziam as caminhas também. Porque, na hora de dormir, a gente ia pra lapa e deitava no chão mesmo. Com água, eles não precisavam preocupar, porque todo mundo procurava um lugar sempre perto da água. Perto da água, por quê? Para facilitar para lavar uma vasilha, fazer uma comida ou tomar um banho. Então, quando chegava o dia, era só arriar os animais e subir, porque já estava tudo pronto na Chapada.

Quando a gente ia pra lapa, tinha que levar a comida, as vasilhas para cozinhar, esses troços todos. Levava até a criação, para ficar mais tranquilo. Levava as galinhas e os porcos. Só não levava, se alguém da família não fosse. Porque, aí, os que não iam cuidavam dos animais. Mas isso era raro.

Os meninos também iam para a Chapada. Eu, inclusive, levava os meus meninos de três meses de idade. Eu usava um guarda-chuva, para poder proteger os bebês do sol onde não tinha árvore nenhuma. Aí,



arrumava a caminha deles e punha o guarda-chuva por cima. E a gente ficava por ali, ia apanhando flor por perto. Na hora que a gente terminava a colheita nesse lugar e ia sair para mais longe, carregava os meninos também. Era uma luta! Mas todo mundo sempre gostou dessa luta.

Como se apanha a sempre-viva? A gente apanha com a mão. Depois, tem que arrumar as flores: limpar tudo, juntar em montes arrumadinhos, amarrar os molhos bem bonitinhos, para poder guardar e vender. Depois da colheita, então, o trabalho é grande.

7

Da Chapada para a Mata, a flor vem ensacada, no lombo do animal. Enche um saco de campina. Depois, enche os animais com os sacos. E vem, pé pra lá e pé pra cá, tocando o cargueiro carregado. Eu já vi burro até com cinco ou seis sacos de sempre-viva. Coitados dos bichinhos! Eles sofriam!

A gente aprende a colher a sempre-viva com os pais. Isso passa de pai para filho. Todos nós, aqui, aprendemos dessa forma. Nossos pais levavam a gente para a Chapada. Na verdade, eles levavam a gente sempre, não importa o trabalho que eles iam

fazer. E diziam que era ensinamento. Seja capinar, seja plantar, seja apanhar campina, a gente aprendeu tudo fazendo e desde pequeno.

8 A criança gosta de apanhar flor. Não é porque são exploradas, não é porque os adultos obrigam que as crianças apanham sempre-viva. Elas gostam de fazer isso. Porque, com o dinheirinho da campina, elas compram o que quiserem. Às vezes, os pais não têm condição de dar uma coisa que elas querem. Aí, se conseguem apanhar uma quantidade boa, pegam o dinheiro e compram.

Leia, minha filha, por exemplo, gostava muito de campina, quando pequena. Ela morava mais na Chapada do que na Mata dos Crioulos, quando era menorzinha e ainda não tinha escola. Não gostava de ficar aqui em casa não. Gostava era de ficar atrás do pai e o pai morava muito mais para o lado da Chapada.

O dinheiro da colheita é de cada um. Por exemplo, você apanhou cinco quilos de flor, vendeu e deu cinquenta reais. Você fica com os seus cinquenta reais. É seu. Então, quem apanha mais recebe mais, quem apanha menos recebe menos. Porque cada um trabalha



separado, não é? Vamos supor, eu apanho as minhas flores, preparo as minhas flores e ponho de um lado. Meu esposo faz a mesma coisa e põe de outro. No final, pesa, e as flores são misturadas só depois de pesadas. Então, cada um sabe quanto é seu e quanto é do outro. Agora, tem família que faz diferente.

Na época que a gente trabalhava mesmo com campina, o Lorico, meu esposo, trabalhava com venda na Chapada, fornecendo comida para os apanhadores. Ele comprava a mercadoria a prazo na cidade e levava para lá. Aí, todos pesavam a campina e vendiam pra ele, descontando o valor dos produtos que tinham comprado em sua mão. Lorico costumava fazer duas viagens até Diamantina por semana, ou até três, para buscar mercadoria e vender flor. Tudo isso ele fazia no lombo do burro, porque, aqui, não tinha estrada de carro, não tinha nada. Teve época em que ele chegou a comprar e vender, entre dois e três mil quilos de flor!

Quando o povo embalava na Chapada, apanhando flor, tinha até festa por lá. Aqueles que gostavam faziam baile, dançavam e bebiam. Tinha uma tal de Maria Augusta. Essa mulher deve ter uns 100 anos já. Ela fazia festa, fazia baile e todo mundo dançava adoidado!

Passava a noite toda, tocando sanfona, cantando, bebendo e dançando. Quem Maria Augusta encontrasse na Chapada era convidado: "Olha, meu filho, no fim de semana, vai ter um divertimento pra nós." E ela fazia comida. Comida à vontade! Fazia biscoito.

Algumas vezes, a gente ia. A gente só não ficava a noite toda como os outros. Mas ia pelo menos para ver como é que estava a festa. Depois, voltava para a nossa lapa. A gente também dançava um pouquinho. Dançava, uai! Eu também não era evangélica, nessa época. Graças a Deus, hoje, eu sou. Não posso, então, mexer com isso mais<sup>1</sup>.



---

<sup>1</sup> Este texto é a transcrição de um excerto da entrevista individual de história oral temática concedida por Dona Jovita à Marina Amorim e Mariana Lopes.



Realização



SECRETARIA DE  
DESENVOLVIMENTO  
AGRÁRIO



Apoio



Produção vídeos

